

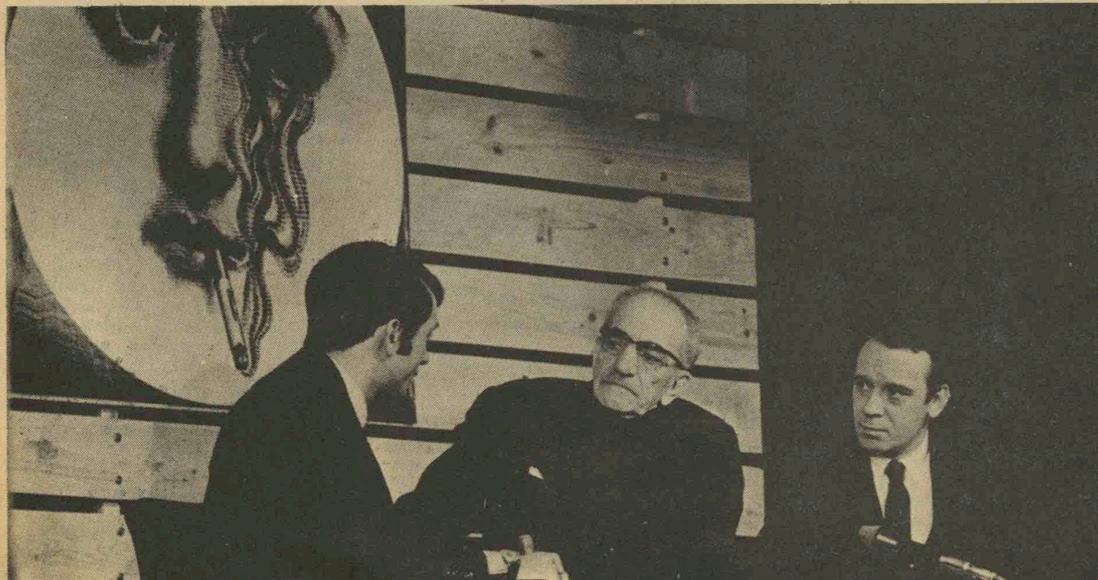
ZIP-ZIP

UM HAPPENING NA TV

Reportagem de
Augusto Cabrita

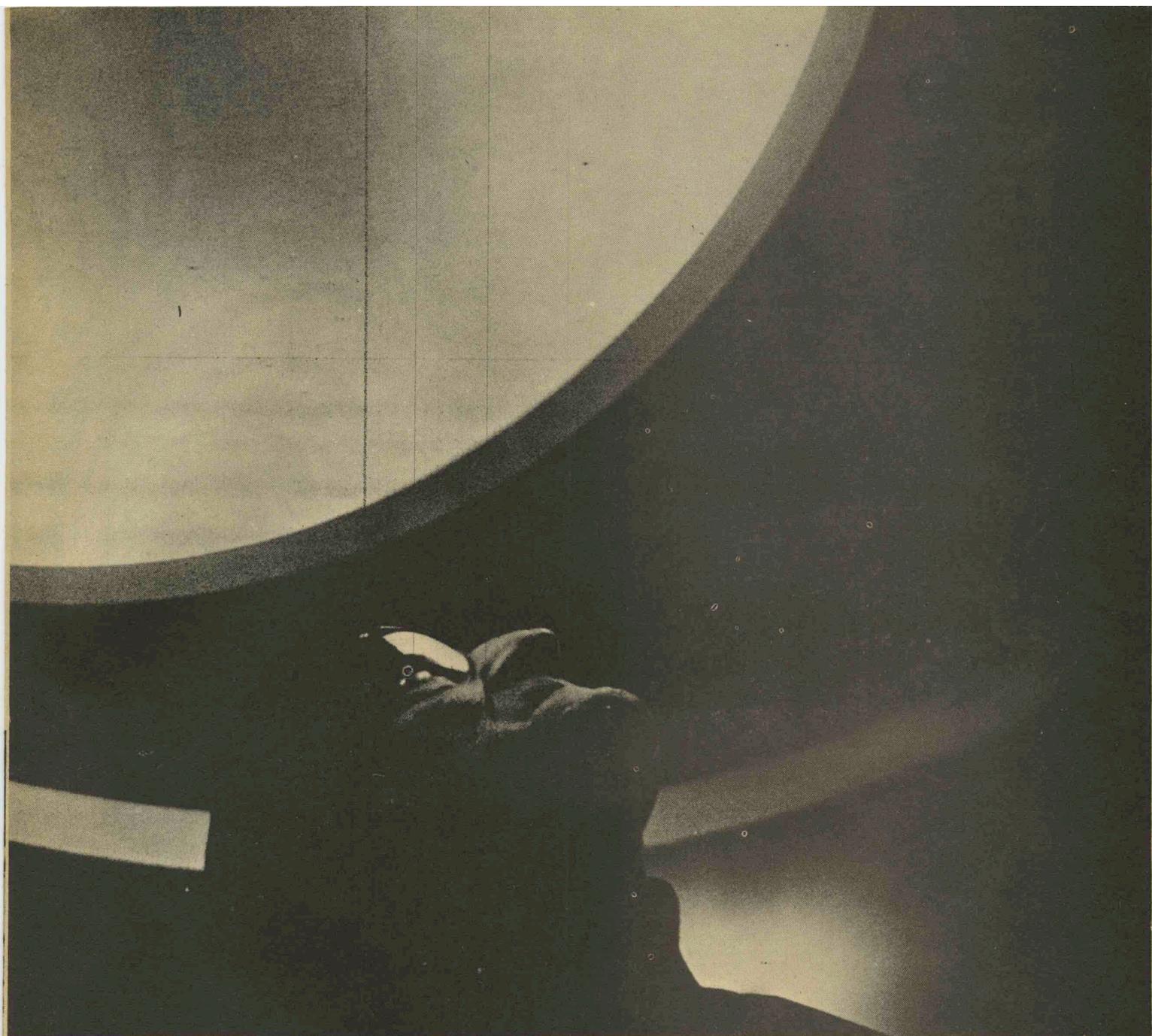
Nasceu um novo espectáculo. Os seus criadores, Raul Solnado, Fialho Gouveia, Carlos Cruz e Baptista Rosa acertaram em cheio na realização deste sensacional programa destinado à TV. Pelo que contém de espontâneo, de aleatório, o espectáculo «ZIP-ZIP», que a TV apresenta a partir de agora, todas as segundas-feiras, pode considerar-se um moderno «happening». O dinamismo, o imprevisível, o espírito de humor, e até o aspecto «sério» que presidiu ao seu esquema — pois que se trata de um simples esquema, dentro das tentativas de «obra aberta» que hoje tanta influência têm nos domínios da arte e do espectáculo, quer dizer, a obra não determinista — todos esses elementos conjugados, particularmente com o poder histriónico de Raul Solnado, lograram um acontecimento artístico dos mais surpreendentes que se têm realizado nos últimos tempos entre nós.

O espectáculo realizou-se no Teatro Villaret aonde as câmaras da TV se deslocaram, perante uma assistência que também participou. Essa foi ainda uma das notas de maior novidade.



Almada
A modernidade
permanente

Um dos êxitos maiores do espectáculo «Zip-Zip» deve-se à presença de Almada Negreiros. Artista irrequieto, explosivo, sempre a dar-nos a sua inesgotável intervenção de choque, dos que entrou nas lides da vida artística, Almada, o introdutor da modernidade em



Portugal, ofereceu um dos momentos mais altos do espectáculo. Apanhado de surpresa, o autor de *Invenção do Dia Claro* e da célebre *Engomadetra* que tanto escândalo causou na monótona literatura do tempo da sua juventude, surpreendeu por sua vez todos os que assistiam ao espectáculo, pela sua espontânea adesão ao ritmo ali desencadeado, como se estivesse nos seus tempos em que procurava implantar o dadaísmo e o futurismo em Portugal, causando o sobressalto à sua volta. Por destino, Almada está presente sempre que alguma coisa de novo acontece.





Almada A ingenuidade permanente

Com certeza uma das surpresas maiores para Almada foi a recepção que a assistência lhe dispensou, calorosa, vibrante de aplausos, sincera. Injustamente exilado, nos últimos tempos, do contacto com o grande público, com quem Almada sempre soube comunicar, sentiu-se emocionado pela inesperada homenagem que lhe era prestada. Teve necessidade de se afastar das luzes, das câmaras da televisão. Saiu para o «hall» do Teatro Villaret, mas «não teve sorte...» Esperava-o a objectiva de Augusto Cabrita. E esperava-o também um pequeno marçano que contemplava um dos seus quadros expostos cá fora. Almada foi sempre muito popular entre os trabalhadores de palmo e meio, ardinás e outros que começam prematuramente a lutar pela vida. Nunca deixou de dialogar com eles, ao mesmo nível. É um segredo dos artistas do grupo a que pretence Almada: conquistar o direito à ingenuidade, aquela que procuram nas linhas simples e hábeis dos seus desenhos.

Como vem no seu livro *A Invenção do Dia Claro*, a lição da criança que desenha uma flor ilustra bem essa busca de Almada pelo mundo dos que partem para a vida levando a esperança dos protagonistas do seu teatro. O diálogo agora travado entre Almada e o pequeno marçano, naquele encontro ocasional, poderia talvez ser o mesmo que vem numa das suas peças:

— A vida é boa?

— A vida é boa se nós a fi-

